

Alepo, Mari e o projeto dinástico alepino-*mariyanum* na Síria antiga

Aleppo, Mari, and the aleppine-*mariyanum* dynastic project in the ancient Syria

JOÃO BATISTA RIBEIRO SANTOS*

RESUMO Esta pesquisa tem por objetivo apresentar aspectos das relações diplomáticas do antigo Oriente Próximo no período protobabilônico, focando sobre o Estado territorial de Yamḥad, no noroeste do Levante, e o projeto expansionista de Mari, localizado no Médio Eufrates. Ao pactuarem seus respectivos reinos, Yarīm-līm e Zimrī-līm demonstram aspiração em controlar o noroeste do Levante. As políticas de guerra e os interesses comerciais ficaram sob o plano de fundo do casamento dinástico entre Zimrī-līm e Shibtu, filha de Yarīm-līm, motivo pelo qual essa aliança se tornou o fundamento da união entre as duas linhagens dinásticas de mesma origem amorrita. Nossa hipótese é que, na perspectiva levantina, Yamḥad se tornou o centro da civilização semita na mesma época em que Zimrī-līm subiu ao trono em Mari com pretensões político-militares que visavam à expansão territorial e à participação nas redes comerciais controladas por Yamḥad, pelas quais alcançaria as conexões com o Mediterrâneo oriental. No entanto,

* <https://orcid.org/0000-0002-9087-3061>
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), Faculdade de Teologia,
Rua Alfeu Tavares, 149, Rudge Campos, 09641-000,
São Bernardo do Campo, São Paulo, Brasil
jj.batist@gmail.com

Yarīm-līm, como maior autoridade regional, não permitia paridade nem política nem religiosa. Esta pesquisa pretende historizar por meio de interseções contextuais as alianças e os ambientes – talvez culturalmente conflitantes, mas também capazes de gerar afecções – por meio dos quais duas casas dinásticas poderiam ter integrado vários grupos étnicos de universos semiautônomos, mantendo bordas dinâmicas.

PALAVRAS-CHAVE Reino amorrita de Yamḥad, civilização Siro-Mesopotâmia, alianças no mundo antigo

ABSTRACT This research aims to present aspects of diplomatic relations in the ancient Near East during the Proto-Babylonian period, focusing on the territorial state of Yamḥad, located in the northwestern Levant, and the expansionist project of Mari, situated in the Middle Euphrates. By establishing an agreement between their respective kingdoms, Yarīm-līm and Zimrī-līm conveyed an ambition to control the northwestern Levant. War policies and commercial interests were set against the backdrop of the dynastic marriage between Zimrī-līm and Shibtu, daughter of Yarīm-līm, which is why this alliance became the foundation for the union of two dynastic lineages of the same Amorite origin. Our hypothesis is that, from a Levantine perspective, Yamḥad became the center of Semitic civilization at the same time that Zimrī-līm ascended the throne of Mari with political and military ambitions aimed at territorial expansion and participation in the trade networks controlled by Yamḥad, through which it would reach connections with the eastern Mediterranean. However, Yarīm-līm, as the highest regional authority, allowed neither political nor religious parity. This research seeks to historicize, through contextual intersections, the alliances and environments – perhaps culturally conflicting, yet also capable of fostering affections – through which two dynastic houses may have integrated various ethnic groups from semi-autonomous spheres while maintaining dynamic borders.

KEYWORDS Amorite Yamḥad kingdom, Syro-Mesopotamian civilization, alliances in the Ancient World

Esta pesquisa busca apresentar processos políticos da construção de uma dinastia no noroeste do Levante da perspectiva historiográfica, especificamente de Aleppo [*ḥa-la-ab^{ki}*; *Ḥalab*] – reino da terra de Yamhad [*Yamḥad*] –, no quadro das relações diplomáticas. Por vezes, numa classificação de oxímoro, o interesse pelas afortunadas culturas materiais de Mari [*ma-ri^{ki}*] – cidade que tem sido muitas vezes desassociada da Síria antiga, sobretudo por sua localização no Médio Eufrates e por sua relação linguística leste-semítica – e Ugarit [*ug-ga-ra-at^{ki}*; ^{KUR}*ú-ga-ri-it*], juntamente com os processos de territorialização envolvendo o reino de Arpad/Bit-Agusi [^m*gu-u-si* KUR *ia-ḥa-a-nu*; *Bīt-Agūsi*], tem vinculado periféricamente tantas culturas e entidades políticas originárias do norte levantino.¹ Essas entidades são subalternizadas em escalas que sobreponham aqueles grandes produtores de índices culturais.

Assim tem sido o caso de Aleppo. Antiga estrutura tribal e pastoral amorrita [MAR.TU; KUR *a-mur-ri*; Amurrû], Aleppo emergiu como capital na época em que foi governada pelo *sharrum* Yarim-lim

1 No Período Amorrita, cristalizações de socioetnias no norte do Levante foram responsáveis pela criação de novos circuitos comerciais estatais e privados em recém-fundadas rotas da Síria-Anatolia; por aí foram difundidas as culturas autóctones como instrumentos de identidade política. O êxito daquele sistema político dos reinos tribais gerou as transformações estruturais e tecnológicas, em cuja missão expansionista Haddu era o deus tutelar. Isso deveria situar o reino de Aleppo e Yamhad nos longos debates acadêmicos, predominantemente sobre Mari e Assíria – foi o que procurei fazer por meio de um livro recentemente editado (Santos, 2024).

[*ia-ri-im-li-im*; *Yarīm-līm*]² (c. 1780-1765),³ designado nos Archives Royales de Mari (ARM)⁴ como rei de Alepo e da terra de Yamhad, filho e sucessor de Sumu-Epuh [*Sūmû-Epuḫ*] (?-1780), o “amado de Haddu”, [*n*]a-ra-[am ^dIŠKUR].

Inicialmente, parece-me importante salientar, com os agentes históricos, a noção de geografia. Alepo e seus entornos já foram assim descritos:

O platô oriental consiste das estepes que cercam Alepo (antiga Ḫalab), banhada pelo rio Kuweik, e as áreas ao sul até Jabal Abū Rujmayn e Jabal Bishrī (antigo Bashar [...]). O Kuweik, que passa por Alepo, é alimentado por fontes do norte de Kurt Dağ e é um paralelo ocidental para o Eufrates. Na verdade, Alepo fica aproximadamente no meio do percurso entre o Eufrates e o Orontes⁵ (Suriano, 2014, p. 12).

2 Primeiro: *sharrum* era o título distintivo do rei de Alepo. Segundo: na significação do nome dos reis de origem amorrita, ou amorita, tem-se por referência o deus Lim, “invocado nos nomes próprios amorritas”. O gentílico inglês “Amorite” ou “Amorrite” do sumério MAR.TU é “derivado da versão hebraica do nome original *Amurru*” (Buccellati, 2008, p. 141; ver ainda Mieroop, 2020, p. 150-151) – certamente refere-se em hebraico a *ʾēmōrī*, empregado em enunciações tanto no singular quanto no plural. Os amorritas passaram a controlar a Mesopotâmia no século XIX, após o colapso da III Dinastia de Ur (c. 2100-2000) e sucessivamente ao desenvolvimento das cidades-Estado de Isin e Larsa, na Baixa Mesopotâmia (Porter, 2013, p. 251-325). Quanto ao deus semita ocidental Lim (Lī'm, Limum, Limmu), ele é “atestado frequentemente em nomes pessoais da antiga dinastia de Ebla, Mari babilônica antiga e Ugarit, incluindo nomes reais de Mari como Zimrī-lim e Yaḫdun-lim” (Frayne; Stuckey, 2021, p. 183; trad. livre do autor: “attested frequently in personal names from Early Dynastic Ebla, Old Babylonian Mari, and Ugarit, including such Mari royal names as Zimrī-Lim and Yaḫdun-Lim”).

3 Sobre a periodização e datações, acrescento, como apêndices, dois quadros cronológicos.

4 Ver versão publicada em Frayne (1990, p. 781).

5 Trad. livre do autor: “The eastern plateau consists of the steppes surrounding Aleppo (ancient Ḫalab), watered by the Kuweik River, and the areas south until Jabal Abū Rujmayn and Jabal Bishrī (ancient Bashar [...]). The Kuweit, which flows past Aleppo, is fed by sources north of the Kurt Dağ and is a western parallel to the Euphrates. In fact, Aleppo stands roughly midpoint for travel between the Euphrates and the Orontes”.

As bordas do norte do Levante, porém, não estão em escalas simples: Hamat [URU.*ḥa-ma-ti*; *Ḥamat*, *Ḥama*], no vale do Orontes, com contatos desde as cidades-Estado fenícias e suas conexões mediterrâneas norte-sul; nos limites sírios desde Sam'al [*sa-am-al-la*; *šam'al*], Karkamish [*gar-ga-miš-a-a*; *karkamiš*] e o platô de Aleppo até o Médio Eufrates, com grandezas socioétnicas que participavam de sistemas mesopotâmicos, como os grupos de amorritas em Jezirah (as antigas tribos KUR.*lab-du-du*, *tu'mūna* e KUR.*ḥa-ṭa-lu*), Mari e Babilônia [KUR.*ká-r-dun-ia-áš*; *bāb-ilī*], avançando por entre o rio sagrado Balih [*balih*] e o rio Habur [*hābūr*].

No final do terceiro milênio, a urbanização levou ao desenvolvimento de várias cidades; Hamat, Qatna [*qa-ta-nim*^{ki}; *qaṭna*], Ebla [*ʾiblā*], Karkamish, Mari e Aleppo estavam entre as mais importantes no norte e noroeste do Levante. No início do período protobabilônico (c. 1800-1595/1792-1592), essas cidades, exceto Mari, passaram a fazer parte do território de Yamhad. Com uma inovadora política, estruturada num conjunto de poderes em torno do templo de Haddu, Aleppo transformou-se no centro religioso do deus Haddu [^{il}*adad be-el ḥa-la-ab*^{ki}, “deus Adad, senhor de Aleppo”] e exerceu forte influência na Síria-Mesopotâmia. Logo que chegou ao poder em Mari, Zimri-lim [*zi-im-ri-li-im*; *zimri-līm*] (c. 1774-1762), o último rei de Mari independente, construiu pontes diplomáticas nas fronteiras com o noroeste sírio e o Alto Eufrates, estabelecendo uma forte aliança com Aleppo. Na verdade, a ascensão de Zimri-lim ocorreu em meio a uma grande oposição por sua ilegítima afiliação consanguínea à dinastia fundada pelo amorrita Yaggid-lim [*yaggīd-līm*] (c. 1820), apesar de ambos pertencerem à mesma linhagem Simalita [*banū sim'al*]. Nesse contexto, o apoio oferecido por Eshnunna [*ēš-nun-na*^{ki}; *ešnunna*], reino independente localizado no vale da Diyala com pretensões na Alta Mesopotâmia e governado por Ibal-pi'El II [*ibāl-pi'El*] (c. 1779-1766), revelou-se insuficiente para a estabilidade no entorno da cidade. Eis, portanto, os motivos das queixas do rei de Mari em cartas e do pedido de socorro a Yarim-lim.⁶

6 Ver essa documentação em Sasson (1998, p. 462-463, 2007, p. 465-467, 2014, p. 679-682) e em Porter (2013, p. 33).

As revoltas tribais ao longo das duas margens do rio Eufrates forçavam pactuações entre cidades ameaçadas. Zimri-lim enviou embaixadores para Alepo com a pretensão de marcar uma reunião para firmar acordos de segurança territorial. Esse encontro resultou no casamento dinástico com Shibtu [šibtu], filha de Yarim-lim. Os termos da aliança forjaram o grande evento diplomático que viria a fortalecer os dois reinos sírios com a singularidade consanguínea capaz de construir uma linhagem dinástica.⁷ Definitivamente, com esse casamento, tem-se um testemunho de construção conjuntural em que se visava buscar condições de convivência entre políticos urbanos e pastoralistas, grandezas sociais sedentárias e nomádicas.

Por meio de uma carta em que Zimri-lim explanou os motivos pelos quais rechaçou um pacto pela paz com o reino de Eshnunna, os tratos de lealdade foram fortalecidos. Ele escreveu ao rei de Alepo, a quem se dirigia como a seu “senhor” [be-lum] e “pai” [abīya], comunicando que havia recusado conversar por três vezes com embaixadores de Eshnunna porque chegaram sem o consentimento de Yarim-lim (ver Durand, 1997, p. 441-442). O ato de distinção, considerando a inexistência de juramento de lealdade à época, visava estrategicamente o acesso a novos mercados comerciais: participar do controle das rotas do noroeste levantino e receber guarnições para conter no sul mesopotâmico o avanço da Babilônia de Hammu-rabi [ḥa-am-mu-ra-pí; hammu-rāpi] (1792-1750) em direção ao Alto Eufrates.

Reinando numa época em que os maiores Estados territoriais contavam com grandes reis – Hammu-rabi na Babilônia, Shamshi-Addu I [šamši-Addu] (c. 1807-1775) na Assíria [KUR ^da-šur; aššur] e seu filho Yasmah-Addu (c. 1795-1776) em Mari,⁸ sucedido por Zimri-lim –, Yarim-lim era considerado o rei mais poderoso da região (Whiting,

7 Ver fontes textuais e iconográficas em: Dossin (1938); Durand (1988, 1997, 2000); Charpin (2019).

8 O ambiente de guerra nas cidades reais localizadas ao longo rio Eufrates pode ser conferido nas cartas trocadas em família, entre Yasmah-Addu e Shamshi-Addu I, bem como as cartas enviadas e recebidas por Yasmah-Addu, seus oficiais e reis da região (ver Oppenheim, 1967, p. 96-110; especificamente sobre conflitos, p. 105-107).

Figura 1: Grandes reinos do antigo Oriente Próximo visto do norte do Levante, c. 2000-1750



Fonte: Imagem editada e traduzida pelo autor a partir de mapa disponível na plataforma *Wikimedia Commons*: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Yamhad_and_Vassals.png. Acesso em: 24 abr. 2023.

1995, p. 1237). No final do Período Amorrita (c. 1774-1750), Alepo, Mari, Karkamish, Tell Leilân [*šehnâ*, renomeada *šubat-enlil*], Ekallatum [*é-kál-la-tim*], Babilônia e Assíria constituíam-se em reinos importantes para o controle de cidades dos vales (Figura 1). Coube a Yarim-lim transformar uma entidade política local ou reino tribal em reino referencial da “terra de Yamhad”. A concepção de poder templo-palácio⁹ fora conduzida pela lógica de expansão por influência política, mas as

9 Estratégia de governo baseada na conexão entre o palácio (política) e o templo (religião). Nesse sistema, os funcionários do templo são sacerdotes nomeados pelo rei e exercem função política em favor da dinastia que se encontra no poder. O templo de Alepo se tornou central na operação legitimadora: a difusão do deus designado pelo rei para ser o líder do panteão, Haddu/Adad, e o apoio divinatório para o rei (ver Santos, 2024).

responsáveis pelo controle territorial e principalmente pela evolução administrativa foram as alianças militares; com elas, acelerou-se na região o processo de transição entre tribalismo (cacicado), reino tribal, cidade-Estado e Estado territorial.¹⁰ No Estado territorial, as formas estruturais de poder refletiam as culturas das terras conquistadas, especialmente os modos de vida urbana que necessitavam dos suportes de defesa interna para o controle das bordas [*pāṭum*].

A influência política da cidade de Alepo ultrapassou, portanto, o território de Yamhad no contexto da integração regional, tendo como suporte a veneração a Haddu, o deus da tempestade. Isso ocorreu com a influência dos Yaminita [*banū yamina*], na conflituosa política de Mari, e em meio a assassinatos de reis Yaminita, em cerca de 1772,¹¹ conforme indicação cronológica dos ARM (ver Barreyra Fracaroli, 2011, p. 190-194; Sasson, 1984, p. 250, 1987, p. 579). Nesse novo contexto conectivo entre reinos sírios, Yarim-lim e Zimri-lim estabeleceram a aliança matrimonial que contribuiu com o aumento da liderança do alepiano nas rotas do Eufrates. Empreendido como uma estratégia de expansão para o noroeste, visando alcançar o Mediterrâneo, o casamento com Shibtu fez de Zimri-lim um rei protegido pelo rei alepiano. Isso fica evidente nos tratos de extradição de refugiados, importantes para conter os conflitos internos causados pelas grandezas socioétnicas de origem amorrita que ocupavam cidades sírias e mesopotâmicas desde o final do terceiro milênio.

Acima das expectativas pela conjuntura de incidentes envolvendo aquelas populações seminômicas que estavam contando com o apoio da cidade-Estado de Emar no Alto Eufrates, o aparentemente vitimado Zimri-lim enviou caravanas de objetos preciosos para a cidade de Hazor [*tell ḥāṣṣōr*], no vale do Orontes. Dada a distância geográfica, talvez esse seja mais um lance político visando o Mediterrâneo, mas pode ser

¹⁰ Ver, por exemplo, Reculeau (2016, p. 179-181).

¹¹ ZL 2', com base na cronologia do reinado de Zimri-lim. "ZL" refere-se ao nome do rei, Zimri-lim, seguido pelo ano de reinado, para que seja possível conferir períodos e datas. Doravante se utilizará a abreviação ZL, seguida do ano correspondente.

também, conforme inscrição no Tablete Hazor 10,¹² uma ação diplomática por dotes recebidos de Hazor por ocasião de casamento dinástico com uma princesa *mariyanum*. À época, Hazor era “um centro de literatura e diplomacia”¹³ (Greenberg, 2019, p. 232). Com a crise envolvendo os prisioneiros, gerando conflito entre os governantes vassalos, o assassinato de pessoas e, portanto, prejudicando o comércio inter-regional entre o Médio Eufrates e Yamhad – notadamente com as importantes cidades de Qatna, Aleppo, Emar e Karkamish –, os mercados mediterrâneos se tornaram as alternativas.

A CONSTRUÇÃO DINÁSTICA NA MAPOGRAFIA

O norte do Levante se transformou num mosaico de cidades independentes estruturalmente estatais. O padrão citadino – divisão do trabalho social ordenada pela elite governante, custos da propriedade particular, terceirização da defesa, consumo de bens concedido por compra e venda, tributação de bens, religião estatal –, num estágio inicial, atraiu grandes contingentes de aldeões e movimentou pequenas cidades dos entornos, nas quais se preservavam modos de vida do setor rural. A transformação da paisagem ambiental ocorreu pela concretização da ideia de distinção territorial por meio das construções de muralhas e torres limítrofes mesmo nas estepes. As primeiras cidades fortificadas foram identificadas na costa do Levante, em Yavneh-Yam, a trinta quilômetros de Ashqelon, e em Tel Burga, na região do Karmel. Nesses sítios, segundo a identificação de Raphael Greenberg (2019, p. 214-215), eram mantidas terras desabitadas para o cultivo de hortos e currais de animais.

Nessa época em que reis do noroeste faziam alianças a fim de aumentar o controle sobre governantes vassalos e anexar localidades do seu limite de influência, duas cidades-Estado desequilibravam a

12 Ver a importante pesquisa arqueológica sobre cidades-Estado da Idade do Bronze realizada por Raphael Greenberg (2019, p. 180-271; especificamente sobre o tablete mencionado e o contexto histórico do sítio, ver p. 228-233).

13 Trad. livre do autor: “Hazor as a center of literacy and diplomacy in eighteenth century BCE”.

formação dos blocos geopolíticos: Qatna e Aleppo. Correspondências dos ARM atestam o poder político das cidades sírias na formação de blocos:

A cidade de Mari estava localizada acima da Babilônia, no Eufrates, logo abaixo de onde o Ḥabur flui das colinas ao norte. Ao longo de várias décadas e duas administrações políticas separadas, o reino de Mari uniu as potências do leste da Mesopotâmia e os grandes centros sírios de Aleppo e Qatna¹⁴ (Fleming, 2009, p. 228).

A adesão de reis e governantes vassalos da região a Aleppo demonstrava reconhecimento ao poderio de uma cidade que passava a ter a mesma influência de um Estado territorial. A significância metafórica dessa adesão, *qaran šubât*, “agarrar a barra de sua roupa”, testemunhava a busca pela proteção do grande rei Yarim-lim, responsável pela construção da estrutura monárquica de Yamhad (Lauinger, 2015, p. 4-5; Mieroop, 2020, p. 126-127). Ao mesmo tempo, outras potências estatais tentavam avançar para o noroeste levantino e participar das decisões nos âmbitos militar e econômico emergentes no norte. Burke (2023, p. 357) faz alusão ao fato de as disputas por terrenos produtivos na estepe envolvendo Yamhad, Mari e Assíria serem atestadas desde o final do século XX. Agora temos, no entanto, o caso de tentativas de apropriação por parte dos reis Ibal-pi’El II de Eshnunna e Hammu-rabi de Babilônia em diferentes territórios. Hammu-rabi enviou diplomatas para o reino de Yamhad com a finalidade de firmar alianças estratégicas no noroeste da Síria com Aleppo e na Síria central, com Qatna (Charpin, 2019, p. 61).

Fontes acádias (Silva Castillo, 2007, p. 146-147) indicam que várias grandezas sociais nômádicas mantinham assentamentos no noroeste no início do segundo milênio; dois grupos amorritas, o yaminita

14 Trad. livre do autor: “The city of Mari was located upstream of Babylonia on the Euphrates, just below where the Ḥabur flows into it from the hills to the north. Through several decades and two separate political administrations, the Mari kingdom bridged the eastern Mesopotamian powers and the great Syrian centers of Aleppo and Qatna”.

e o simalita, formaram o assim chamado reino dos pastoralistas móveis de Hana [*hana*], ou Hananita das estepes [*nawūm*] (Porter, 2009, p. 203). Zimri-lim apresentou-se desde o início como filho de Yahdun-lim [*ia-aḥ-du-ul-li-im; yaḥdun-lim*] (c. 1810-1794) e designou-se como “o rei de Mari e *māt hana*” enquanto durou o seu reinado de cerca de treze anos e três meses.¹⁵ O sucesso da estratégia não isolou a cidade dos conflitos nas bordas provocados principalmente pela política expansionista de Eshnunna e Babilônia. Pelo contrário, despertou a admiração de reis, como o da cidade-Estado de Ugarit, que, numa carta não assinada enviada ao rei Hammu-rabi I (c. 1765-1760), sucessor de Yarim-lim em Alepo, pede aval para visitar o palácio de Mari: “Mostre-me o palácio de Zimri-lim! Desejo vê-lo”.¹⁶

Não obstante a evolução tecnológica de Mari, a grande potência regional continuava sendo Alepo, cuja expansão a fizera localizar-se “estrategicamente na rota comercial desde o vale do Eufrates até o mar Mediterrâneo”¹⁷ (Mieroop, 2020, p. 148). Nessa época em que muitos indivíduos das camadas dirigentes ostentavam o título de “feitores” de mercadores, que longe de suas cidades podiam atuar como “corporação” [AB:¹⁸ *tamkārū, kārū*], esse amplo domínio para o vale do Eufrates teve início após vários conflitos na Síria central envolvendo cidades-Estado apoiadas pelos assírios, sendo que o controle de territórios da Alta Mesopotâmia ocorreu depois da morte de Shamshi-Addu I. A autoridade regional de Yarim-lim fez-se notar no relatório enviado por Zimri-lim para o seu comissário em Alepo, ao qual me referi anteriormente:

15 Não sendo um comandante militar, as preocupações de Zimri-lim acerca da legitimidade real passavam, a meu ver, pela integração familiar ou linhagem de parentesco. Sobre isso, ver Porter (2013, p. 60-61). Sobre a duração do reinado, ver Dossin (1938, p. 114); Lacambre (2002, p. 2); Barreyra Fracaroli (2011, p. 194).

16 Trad. livre do autor: “Show me the palace of Zimri-lim! I wish to see it” (citado por Gates, 2011, p. 62; também enunciado na apresentação da planta do palácio, p. 158).

17 Trad. livre do autor: “Situado estrategicamente en la ruta comercial desde el valle del Éufrates hasta el mar Mediterráneo”. Ver também Suriano (2014, p. 12).

18 *Antigo Babilônio (AB)*. Cf. Burke (2023, p. 198).

Diga ao meu senhor: assim [diz] seu servo Yatar-Kabkab. Meu senhor, me disse isso sobre Eshnunna: “Durante sua jornada rio acima, quando você se encontrar na presença de Yarim-lim, você falará com ele assim sobre Eshnunna: ‘[O rei de] Eshnunna não cessa de me enviar mensagens para um pacto de não agressão. Uma primeira vez, ele me enviou um mensageiro; mandei-o de volta para a própria fronteira. Ele me enviou uma segunda vez, e eu o enviei de volta para a própria fronteira. E, depois, um embaixador [*râkib imêrim*] veio e eu o enviei de volta para a própria fronteira, dizendo: Como, sem o consentimento de Yarim-lim, haveria um pacto de paz com Eshnunna[?]’”.¹⁹

As afiliações políticas entre os pastoralistas do início do segundo milênio eram fluidas, consequência das constantes mudanças ambientais, enquanto as relações cidadinas se baseavam na cristalização das identidades de mesmo grupo. Em ambas, preserva-se a cultura de “consciência de localização histórica”,²⁰ para usar uma expressão da arqueóloga Anne Porter (2013, p. 319), que desempenha um papel de plano de fundo na resposta de Zimri-lim aos representantes de Eshnunna – reino que foi grande explorador de minérios, a partir do século XX, e que avançou para a Assíria e a Alta Mesopotâmia quando governado pelo rei Naram-Sin [*narâm-sîn*] (c. 1794-1785).

Em diversos momentos, as relações diplomáticas entre Alepo e Mari apresentaram concepções associadas à linhagem de parentesco,

19 Trad. livre do autor: “Dis à mon Seigneur : ainsi [parle] ton serviteur Yatar-Kabkab. Mon Seigneur m’avait dit ceci à propos d’Ešnunna : ‘Lors de ton voyage en amont, quand tu te trouveras en présence de Yarim-Lîm, tu lui parleras ainsi à propos d’Ešnunna : ‘[Le roi d’] Ešnunna ne cesse de m’envoyer des messages en vue d’un pacte de non-agression. Une première fois, il m’a envoyé un messenger ; je l’ai renvoyé à la frontière même. Il m’en a envoyé une deuxième fois, et je l’ai renvoyé à la frontière même. Et par la suite, un dignitaire est venu et je l’ai renvoyé à la frontière même, en disant : Comment, sans l’aveu de Yarim-Lîm, y aurait-il alliance de paix avec Ešnunna[?]’” Ver a documentação em Durand (1997, p. 441-442).

20 Trad. livre do autor: “consciousness of historical location”.

não exatamente a tratos internacionais. Talvez isso tenha acontecido pelo fato de a nova dinastia que chegou ao poder no Médio Eufrates, em meados do século XIX, ter a mesma origem amorrita dos reis alepianos. A influência de Shibtu como rainha e administradora com autonomia real pode ser avaliada pelas muitas cartas trocadas entre Zimri-lim e ela. Parte dessa documentação, que faz parte dos ARM, foi remetida quando o rei se encontrava em campanhas militares e viagens diplomáticas (Melville, 2007, p. 238). Ele noticiava-lhe acerca de suas atividades, e ela transmite as informações aos funcionários palaciais [*šarāḫū*], ordenando-lhes tarefas que extrapolam os limites da cidade. Com esse casamento dinástico, mais do que o estabelecimento de relações diplomáticas e a legitimação do rei que chegava ao poder por linhagem de parentesco não reconhecida pelos súditos, ocorreu o início da construção de uma dinastia envolvendo dois Estados amorritas potentes, em que a aliança de troca de proteção militar evoluiu para uma dinastia, com lealdade ao grande rei alepiano por identidade de tempo e domínio territorial.

A IMAGEM DA DINASTIA ESCULPIDA NA CORRESPONDÊNCIA

A correspondência de Yarim-lim e de seu filho e sucessor Hammu-rabi I comprova a existência de um núcleo diplomático altamente qualificado em Alepo, capaz de encurtar as grandes distâncias geográficas e as distintividades étnicas. A territorialização do antigo Oriente Próximo no período protobabilônico mantinha reconhecidas as bordas edificadas por Estados territoriais, cuja hierarquia política se baseava no poder militar da autoridade real. Diante disso, a política entre Yarim-lim e Zimri-lim associava-se diretamente a projetos estatais em que os reinos locais, por manter as suas bordas, propunham novas formas de expansão por meio da diplomacia. A expansão de Mari ocorreu numa sucessão de eventos que permite ser designada, conforme Fleming (2009, p. 235-236), como “a construção do reino de Zimri-lim”.²¹ A afirmação designativa, a meu ver, é possível porque o reino de Yamhad já se

21 Trad. livre do autor: “the construction of Zimri-lim’s kingdom”.

encontrava com suas estruturas em funcionamento, e Alepo apresentava-se como um potencial adversário regional. A estratégia diplomática a que me refiro permitia que uma amálgama de socioetnias de culturas de mobilidade se assentassem à direita [*banū yamina*] e à esquerda [*banū sim'al*] do rio Eufrates e governassem centros urbanizados associados ao antigo reino de Hana.

A estabilidade de Yamhad tornou-se uma espécie de parâmetro para a organização dos distritos cujos governantes deveriam atuar como representantes do rei ou reis-vassalos, combinando nômades pastoris com cidadãos e agricultores sedentários. As circunstâncias eram mais do que propícias para o encontro entre os dois mais importantes reinos siro-mesopotâmicos. Apesar de “as boas palavras” terem sido estabelecidas por meio de cartas trocadas em várias etapas, a aliança entre os dois reis não tem sido classificada como se fora concluída à distância. A legitimidade diplomática de Asqudum permitiu-lhe realizar em Alepo os juramentos diante do rei alepiano e imolar um potro [*hayaram qaṭālum*], como sói ocorrer, em festival amorrita dedicado ao deus Haddu.²²

A construção da aliança alepino-mariyanum viabilizou duas estratégias complementares. A favor de Alepo, além da já mencionada liderança nas rotas do Eufrates, garantiu uma via comercial segura com cidades eufratênicas e lhe manteve o contato com a costa levantina, canais de difusão do poder templo-palácio. A favor de Mari, funcionou como um horizonte diplomático de proteção contra conflitos que lhe poderiam atingir a partir do Alto Eufrates, porque as potências regionais pactuavam para assegurar as bordas internas e marcos nas rotas costeiras.²³ Como propôs Porter (2013, p. 26), o pastoralista Zimri-lim não adotou a vida palacial pura e simplesmente; ele se apropriou do mundo sedentário. Ao tomar a iniciativa pela integração de dois mundos, a mobilidade e transumância das estepes e a estrutura estatal, o rei

22 Ver Burke (2023); Podany (2022, p. 289-300); Charpin (2019).

23 Alude-se a indícios de que Zimri-lim tenha visitado a cidade-Estado de Ugarit (atual Ras Shamra). Sobre os indícios, ver Dossin (1938). Sobre o roteiro da viagem até Ugarit, ver Sasson (1984, 2008, p. 100).

mariyanum operou uma simbiose econômica. O processo de representação iconográfica e produção de imagens verbais alcança três tratos: (1) casamento diplomático; (2) veneração a Haddu, deus tutelar de Alepo; (3) apoio político-militar externo. A aliança fora, no entanto, concluída pelo rei de maior poder e idade:

Sobre o juramento dos deuses, sobre o qual você me escreveu, estabeleçamos as modalidades do juramento dos deuses! Eu quero ser seu aliado [*tillatum*] e você, meu aliado! Quando houver sinais de fogo em Yamhad, venha apagá-los! E quando houver sinais de fogo no [reino de] Mari, eu estou disposto a vir e apagá-los.²⁴

Na carta, faltou a expressão amorrita *šimdatam šamâdum*, “avançar engatados”. O epigrafista Dominique Charpin (2019, p. 49-50) lembra que fora Zimri-lim quem pediu a conclusão da aliança, certo de que caberia ao rei mais idoso fazê-lo. Isso fica evidente, contudo, nas correspondências pelo fato de Yarim-lim receber tratamento de “pai”. A aliança é, portanto, um evento de nível hierárquico.

O casamento

No conjunto de eventos mais importantes de Yamhad, o casamento de Shibtu ganhou proeminência por causa do serviço diplomático de Mari,²⁵ assim como pela capacidade político-administrativa de Shibtu,

24 Trad. livre do autor: “Au sujet du serment par les dieux, à propôs duquel tu m’as écrit, établissons les modalités du serment par les dieux ! Je veux bien être ton allié (*tillatum*) et toi, sois mon allié ! Lorsqu’il y aura des signaux de feu au Yamhad, viens les éteindre ! Et lorsqu’il y aura des signaux de feu dans (le royaume de) Mari, je veux bien venir les éteindre”. Documentação citada por Charpin (2019, p. 65).

25 Os arquivos de Mari são realmente muito importantes, mas isso não impediu uma postulação problemática do mestre Mario Liverani (2007, p. 12) sobre o predomínio de Mari na sub-região entre o Médio Eufrates e o noroeste da Síria. Entendo que historicamente, baseado na emergência de novas potências, o século XVII não pode ser a “*Mari Age*”. Para o século XVII, as cronologias nos conduzem para a “primeira dinastia babilônica” e “Reino Antigo hitita”.

mais tarde tornada pública. Jean-Marie Durand (2000, p. 304) afirma que Shibtu é a mulher que mais vezes aparece nos ARM, destacando a sua presença na tradição cuneiforme em que se incluem as rainhas hititas. Zimri-lim já houvera casado outras vezes e não era mais jovem; além disso, fazia das alianças matrimoniais uma política palacial exitosa. Com efeito, os projetos são particularmente diferentes, miram lados opostos do antigo Oriente Próximo: enquanto a política alepiana visava à expansão através do controle de cidades eufratêneas com sistemas administrativos autônomos, o projeto político *mariyanum* tencionava a formação de bloco comercial plurissocial no Mediterrâneo,²⁶ sendo Ugarit o marco inicial da integração amorrita.

Veja Mieroop (2020, p. 419); Podany (2022, p. 550-551); Burke (2023, p. 178).

- 26 Considero importante sublinhar o aspecto idealista do projeto do rei por causa do plano integrador. Quando avançou em direção à costa do Levante, Zimri-lim evidenciou a sua intenção de integrar ao seu projeto imperial as metrópoles produtoras e mercantis do norte do Mediterrâneo; nessas diferentes grandezas socioétnicas amorritas está parte da sua origem. À parte os movimentos vitais das estepes e vales da Síria e da Mesopotâmia na Idade do Bronze Médio I-IIA, por inscrições de campanhas de Tiglat-pileser I [*Tukulti-apil-Ešarra*] (c. 1114-1076) no oeste do rio Eufrates – isso é válido também para reis assírios que lhe antecederam em séculos de predomínio hitita –, sabe-se que a constituição étnica dos povos do mar que habitavam as metrópoles mediterrâneas tem origem amorrita: “Eu marchei para a terra do Líbano [KUR *lab-na-ni-lu*]. Eu cortei [e] levei vigas de cedro para o templo dos deuses Anu e Adad [^d*a-nim ù* ⁴*IŠKUR*], os grandes deuses, meus senhores. Eu continuei até a terra de Amurru [KUR *a-mur-ri*] [e] conquistei toda a terra de Amurru [KUR *a-mur-ri*]. Eu recebi tributos das terras de Biblos [KUR *gu-bal*], Sidon [KUR *ši-du-ni*], [e] Arwad [KUR *ar-ma-da*]. Andei em barcos do povo de Arwad [KUR *ar-ma-da*] [e] percorri triunfante uma distância de três horas duplas da cidade de Arwad [KUR *ar-ma-da*], uma ilha, até a cidade de Samuru [URU *ša-mu-ri*] que fica na terra de Amurru [KUR *a-mur-ri*]. Eu matei no mar um *nāḥiru*, que é chamado de cavalo marinho”. Trad. livre do autor: “I marched to Mount Lebanon. I cut down [and] carried off cedar beams for the temple of the gods Anu and Adad, the great gods, my lords. I continued to the land Amurru [and] conquered the entire land Amurru. I received tribute from the lands Byblos, Sidon, [and] Arwad. I rode in boats of the people of Arwad (and) travelled successfully a distance of three double hours from the city Arwad, an island, to the city Samuru which is in the land Amurru. I killed at sea a *nāhiru*, which is called a sea-horse”. A.0.87.3, linhas 16-25; ver Grayson (2002, p. 37). Na tradução, o autor acrescentou entre colchetes palavras e sentenças transliteradas dos tabletes. Em A.0.87.4, linha 27, um texto paralelo, temos uma versão talvez complementar para *nāḥiru*, que é chamado de cavalo marinho”: [*nam-s*]u-*ḥa pa-gu-ta GAL-[ti] ša a-aḥ*, “um crocodilo [e] um grande macaco fêmea do mar”.

O evento tornou-se uma missão para Asqudum, correspondente oficial *mariyanum*, preocupado com os perigos das rotas siro-eufratêneas em vista aos variados testemunhos desencorajadores: o rei de Terqa [*ter-qa*] disse que a época seria inadequada para a rainha seguir para Mari, o governante de Saggarâtum lembrou do aparato de segurança que teve de preparar para um comboio comercial e até Emar, cidade mais próxima de Aleppo para o acesso ao Eufrates, fora incluída nas medidas de segurança.²⁷ Por outro lado, ainda em início de reinado, Zimri-lim precisava garantir a solidez do trono:

Zimri-lim não se casou com Shibtu antes de retornar ao trono ancestral. Casado com outras mulheres de origem ainda desconhecida, mães das princesas que deu como esposas aos seus principais vassalos, só depois de ter seu poder relativamente afirmado em seu próprio reino é que obteve a conclusão da aliança dinástica com a grande monarquia ocidental²⁸ (Durand, 1988, p. 95).

Com “grande dinastia ocidental”, no que diz respeito aos semitas ocidentais, Jean-Marie Durand (1988, p. 95) refere-se a Yamhad. O início dos acordos entre os embaixadores e o rei de Mari deve ser datado no mês 10 [*bêlet bîrî*, aproximadamente 15 de setembro a 15 de outubro], época em que Asqudum viajou para Aleppo.²⁹ A propósito do cuidado, trata-se de garantir para Shibtu a segurança necessária na viagem transregional e no palácio. Apesar de o calendário lunar envolver acidentes atmosféricos e deslocamentos físicos contínuos, Durand (1988, p. 97) afirma “acreditar que sua partida deve ser colocada entre

27 Ver Durand (1988, p. 14; p. 16, 1998, p. 155).

28 Trad. livre do autor: “Zimri-Lim n’a pas épousé Šibtu *avant* de revenir sur le trône ancestral. Marié avec d’autres femmes d’origine toujours inconnue, mères des princesses qu’il donna comme épouses à ses principaux vassaux, ce n’est qu’une fois son pouvoir relativement affermi dans son propre royaume qu’il obtint la conclusion de l’alliance dynastique avec la grande monarchie occidentale”.

29 Ver Durand (1988, p. 14, 1998, p. 155).

15 de dezembro e 15 de janeiro do nosso calendário, portanto, em um momento relativamente favorável: é antes do frio extremo, e a chegada da enchente torna o rio navegável”,³⁰ com as correntes ainda fracas.

Zimri-lim viajou a Alepo para pedir Shibtu em casamento no final de 1774; após os acordos com o rei alepiano, ele retornou a Mari. Antes do casamento, porém, o rei firmou acordos internacionais em Mari, orientou ministros e sacerdotes, e até interveio em conflitos envolvendo Karānatum, a então maestrina palacial, e Rišiya [*rīšiya*; *ri-ši-ia*], maestrina do rei antecessor, Yahdun-lim. Rishiya pode ser considerada a promotora artística do palácio, tendo transformado a sua casa num conservatório para a formação de músicos e produção de instrumentos musicais (Podany, 2022, p. 254). Em adição, Zimri-lim retornou a Alepo às pressas no início de 1773 com a intenção de fazer com que o casamento ocorresse a tempo de encontrar com vida a rainha-mãe Sūmūn-na-Abī [*su-um-un-na-a-bi*], mulher do rei Sumu-Epuh, pai e antecessor de Yarim-lim. Em seguida, ele promoveria o substituto de Shimrum [*šimrum*], comissário morto, em meio às negociações para o casamento, pelo novo comissário Tab-balati [*tāb-balāṭī*] (Durand, 1988, p. 96-97).

O casamento foi o evento fundante para tempos futuros envolvendo os dois reinos, e tudo seguiu obedecendo ao rigoroso planejamento cronológico e financeiro, tanto dos oficiais locais quanto dos embaixadores de Mari. Notadamente, Shimrum havia exigido várias vezes o seu pagamento no negócio. Asqudum, o comissário de Zimri-lim, posicionou-se a favor de Yarim-lim quando este requereu o seu *biblum*, “dote” [*mu-tù*, em Mari; *šūbultum* ou *šūrubtum*, em Alepo], e quando inquiriu se fora enviado o carregamento contendo quatro colares, fios de pérola e ouro, louças, muitas roupas e objetos de couro (calçados e outros), touros, centenas de vacas e milhares de ovelhas (Durand, 1988, p. 101-102). Michèle Casanova (2014, p. 419) alude ao dote como sendo apenas um conjunto de “quatro colares de contas de lápis-lazúli e fechos

30 Trad. livre do autor: “On pourrait donc croire qu’il faut placer son départ entre le 15 décembre et le 15 janvier de notre calendrier, donc à un moment relativement favorable: c’est avant les grands froids et l’arrivée de la crue rend sa navigabilité au fleuve”.

de ouro, medalhões e uma fíbula incrustada de lápis-lazúli³¹, o que não reflete a distinção do casamento dinástico envolvendo reinos poderosos. Quanto ao casamento, Durand (1988, p. 103) afirma:

A própria sanção do casamento, ou a conduta simbólica que prova que ele realmente aconteceu, é, por outro lado, a tomada do véu pela jovem. O véu é colocado na cabeça da noiva pelos mensageiros do rei de Mari, e não por seu pai. Uma vez que o *biblum* foi trazido e aceito, a mulher deixou, portanto, a casa paterna e passou a fazer parte de um outro grupo social. Todas essas indicações são extremamente valiosas. Uma outra peculiaridade muito interessante do casamento de Šibtu e de Zimri-lim é, por outro lado, o fato de que a presença do noivo não é necessária. Basta que ele tenha constituintes. Em certo sentido, o casamento de Šibtu pode ser considerado o exemplo mais antigo de “casamento por procuração”. Podemos, portanto, supor que, durante a cerimônia na presença do marido, foi este quem efetuou a entrega do véu à sua esposa.³²

O que enuncia a fonte literária³³ da aliança concluída com o casamento de Šibtu:

31 Trad. livre do autor: “quatre colliers de perles de lapis-lazuli et fermoirs en or, des médaillons et une fibule incrustée de lapis-lazuli”.

32 Trad. livre do autor: “La sanction même du mariage, soit la conduite symbolique qui prouve qu’il a vraiment eu lieu, est par contre la prise du voile par la jeune fille. Le voile est mis sur la tête de l’épouse par les messagers du roi de Mari et non par son père. Une fois le *biblum* apporté et accepté, la femme est donc sortie de la maison paternelle et elle relève d’un autre groupe social. Toutes ces indications sont extrêmement précieuses. Une autre particularité très intéressante du mariage de Šibtu et de Zimri-Lim est, d’autre part, le fait que la présence de l’époux n’est pas nécessaire. Il lui suffit d’avoir des mandants. Dans un sens, on peut dire que le mariage de Šibtu est l’exemple le plus ancien du ‘mariage par procuration’. On peut donc supposer que, lors de la cérémonie en présence du mari, c’était ce dernier qui opérait la remise du voile à son épouse”.

33 Trad. e transliterada pelo autor a partir de Durand (1988, p. 105-107).

[a-na be-lí-ne qí-bí-ma] 2 [um-ma às-qú-du-um] [ù] ri-š[i-ia] 4 [ir-d]u ka-[a-ma] ¹ia-r[i-im-li-im] 6 i-na a-wa-tim ki-a-a[m iš-ba-ta-né-ti] um-ma-a-mi bi-i[b-lam tu-ub-la] 8 ù¹um-mi [ma-ar-ša-at] ù as-sú-ur-ri-ma mi-im-[ma le-em-nu-um] 10 i-na é-kál-li-ia ib-[ba-aš-ši] ù u4-mu-ku-nu q[é]-e[r-bu] 12 ik-ki-a-am ni-ih-mu-u[-[ma] bi-ib-lam ša be-el-ni ú-ša-[bi-l]a-an-n[é-ti] 14 nu-še-ri-ib ù túg ku-tu-um-mé e-li dumu-munus ni-id-di 16 i-na ša-al-ši-im u4-mi-im ša bi-ib-lam nu-še-ri-bu 18¹su-mu-un-na-a-bi a-na ši-im-ti-ša il-li-ik 20 lugal ia-ri-im-[li-im] ¹à-ab-ba-la-[ti] 22 ki-a-am iš-pu-ra-an-n[é-ši-im] um-ma-a-mi al-ka a-al dan-[na-ti-ia] 24 ù é-há-ia a-ta-am-ma-ra-n[im] ni -nu 26 ni-iš⁷-ta-al-ma a-na lugal ki-a-am ni-iš-pu-ur 28 um-ma ni-nu-ma a-na mi-nim be-el-ni ša-pa-ra-am an-né-e-em iš-pu-ra-an-né-ši-im 30 um-ma-a-mi al-ka a-al dan-na-ti-ia ù é-[h]á-ia a-ta-am-[m]a-ra-nim 32 an-ni-tam ni-pu-ul wa-ar-ka-nu-um ki-a-am ni-iš-pu-ur . 34 um-ma ni-nu-ma¹su-mu-un-na-a-bi ú-[ul] be-le-et-ni-i šum-ma ni-nu ma-h[a-a]r be-lí-ne 36 la-a wa-aš-ba-nu ù a-wa-tum an-ni-[tum] i-na ma-ri^{ki}-ma it-te-eš-me lu-lú [.....] 38 ù ir-du-meš ša dumu-ka [i]t-t[i-ni li-iš-bu].	1 Diga ao nosso Senhor: assim [dizem] Asqudum e Rišiya, seus servos: 5 Yarīm-līm 6 nos comprometemos nestes termos: 7 “Você trouxe o presente-biblum 8 mas minha mãe está doente 9 e temo que um infortúnio 10 ocorrerá em meu palácio. 11 Além disso, você tem pouco tempo sobrando”. 12 É por isso que, às pressas, 14 nós fizemos entrar [no palácio] 15 o presente-biblum que nosso Senhor nos fez carregar 15 e nós partimos na direção da garota. 16 Dois dias depois 17 que trouxemos [ao palácio] o presente-biblum, 18 a Senhora Sūmūn-na-Abī 19 foi “para o seu destino”. 20 O rei Yarīm-līm, 21 por Tāb-balāṭī, 22 nos fez dizer: 23 “Vá, e minhas cidades fortificadas, 24 bem como minhas residências, vejam a todas elas!”. 25 Nós, 26 questionando a nós mesmos, 27 enviamos ao rei esta mensagem: 28 “Por que nosso Senhor 29 nos enviou esta mensagem: 30 ‘Vá, e minhas cidades fortificadas, 31 bem como minhas residências, vede a todas elas!’”. Esta é a nossa resposta. 33 Em seguida, enviamos a seguinte mensagem: 34 “Senhora Sūmūn-na-Abī, 35 ela não é nossa Rainha? Se nós 36 não tivermos assento 35 diante de nosso Senhor, 36 e que este assunto 37 seja levado ao conhecimento de Mari, certamente será lamentável. 38 De mais, os servos de seu filho devem sentar-se conosco”.
--	---

De acordo com o documento, em meio aos intensos preparativos para o casamento, os funcionários *mariyanum* passaram a se considerar súditos ou “filhos” de Yarim-lim e desejavam assento junto da rainha-mãe na cerimônia de casamento. Cronologicamente, o casamento aconteceu no ano seguinte ao início dos preparativos, no terceiro ano de reinado de Zimri-lim, em cerca de 1773. Em seguida, a rainha Shibtu partiu no Hibirtum – o mês de maio na datação epônima – para Mari num comboio, em viagem de quase um mês, após a época das enchentes no rio Eufrates.

Além da viagem, a residência destinada a Shibtu preocupava a Yarim-lim. Eis o relato de Zimri-lim:

Yarim-lim se aproximou de mim com estas palavras: “Eu ouvi muitas vezes que os deuses são poderosos no palácio. Para onde vão os pertences de minha filha?”. Eu respondi: “O palácio de sua filha é maravilhoso”. Ele disse: “Que os pertences de minha filha sejam guardados em sua residência, [mas] que minha filha resida com seu marido, mas que 5 ou 6 dias ela saia [do palácio] e que ela cuide da residência dela”.³⁴

A sequência da carta demonstra certa impessoalidade, como se o escriba tivesse escrito longe da presença do rei. O envio de funcionários palaciais de Alepo para servir a Shibtu mostra, contudo, que o pai desejava garantir que a filha fosse mantida longe dos santuários e parafernália cultuais, *i.e.*, livre das funções e riscos dos fenômenos religiosos comuns em Mari. Ele buscava, igualmente, garantir a sua liberdade social na nova cidade.

Assumindo cada vez mais poder régio em face das frequentes atividades externas do marido, Shibtu tornou-se uma grande rainha,

34 Trad. livre do autor: “Yarim-Lim m’a entrepris en ces termes : ‘J’ai souvent entendu dire que les dieux sont puissants dans le palais. Où entreront donc les affaires de ma fille ?’ J’ai répondu : ‘La Maison de ta fille est excellente’. Il a dit : ‘Que les affaires de ma fille soient déposées dans sa demeure, (mais) que ma fille réside chez son époux et que 5 ou 6 jours elle quitte (le palais) et qu’elle s’occupe de sa demeure’”. Documentação em ARM, citada por Charpin (2019, p. 229).

como atesta a sua grandiosa documentação: administrou os negócios internos do palácio; negociou a aquisição de utensílios; liderou negociações diplomáticas envolvendo Terqa, Eshnunna, Ida-Maraş, Elam, Babilônia; debateu com Ishme-Dagan sobre o envio de guarnições de Zimri-lim para guerras; presidiu atividades cúlticas; comunicou a situação estrutural de construções reais; ocupou-se dos seus filhos; cuidou de epidemia no palácio; arbitrou conflitos envolvendo Hammu-rabi I, sucessor de seu pai em Alepo; esteve no centro da solução de conflitos militares acerca das rebeliões encetadas por guerreiros Yaminita.³⁵

Um aspecto ainda por ser mais amplamente pesquisado diz respeito ao ambiente musical de Mari no reinado de Zimri-lim, contexto que deve ter proporcionado a formação de uma camada social em torno do conservatório musical – a “Casa do *tigum*-instrumento” –, com função organizacional em cerimônias no palácio. Para o reino repleto de novidades no qual se processa a construção do que designo de dinastia alepino-*mariyanum*, a historiadora Amanda Podany (2022) destaca em sua fascinante obra a agência de jovens mulheres como musicistas e de outras como professoras, escribas, serventes, cozinheiras e babás. Muitas delas eram membros da realeza que viviam no palácio e constam de registros documentários oficiais. De acordo com Podany (2022, p. 251-252), a fortuna das fontes se deve “provavelmente porque muitas delas viviam em um conjunto de mais de sessenta cômodos agrupados em torno de pátios na área dos aposentos reais, logo após o pátio das palmeiras e a sala do trono do rei”.³⁶ Entre elas, havia jovens princesas, mulheres cativas e escravizadas, membros de famílias das elites locais etc., vivendo nesse complexo residencial feminino chamado *tubqum*, o que lhes garantia alguma proteção em uma sociedade marcada por formas de poder masculinas e de restrição alimentar.

35 Fontes materiais registradas em Durand (2000, p. 305-370); ver também Podany (2022, p. 251-263).

36 Trad. livre do autor: “probably because many of them lived in a suite of more than sixty rooms grouped around courtyards in the area of the royal quarters, just beyond the palm tree court and the king’s throne room”.

Na história do político, convém mencionar a autoridade da rainha Shibtu, porque essa afecção social aparece nas fontes à maneira de transmissão de poder paterno e etnomonárquico, seja pela exigência de um palácio particular, seja pela liberdade religiosa, mas sobretudo porque, ao transformar a paisagem do reino, ela acaba por caracterizar a cultura. Em uma carta, Zimri-lim pede para Shibtu selecionar mulheres com potencial para a música entre as capturadas e cuidar da alimentação delas (Podany, 2022, p. 254-255). É precisamente pela autoridade assegurada que a realeza de Shibtu – parte dos acordos do casamento dinástico que lhe manteve o estado sociopolítico de rainha – garantiu de certa forma alguns privilégios para as mulheres, inclusive cuidado com a saúde de funcionárias e até atividade intelectual para aquelas em situação de escravidão inseridas no palácio.

Atividade cültica dirigida a Haddu, deus tutelar de Alepo

Antes mesmo do casamento com Shibtu, Zimri-lim havia-se comprometido com a veneração ao deus Haddu, cujo grande templo se encontra em Alepo. A imagem divina tutelar da união das duas dinastias e na cabeça de vários panteões será a do deus da tempestade Haddu, sendo que a homenagem ao deus levantino L'm ficou restrita a algumas elites governantes, porque predominaram os espaços sagrados dedicados a Haddu, sempre acompanhado por seu touro [*būru*].

Enquanto o rei não retomava suas viagens diplomáticas, Asqudum encarregou-se de fazer uma excursão pelo reino de Yamhad durante quinze dias e, portanto, representar oficialmente o rei no festival sacrificial de *hi'arum* [*siskur²-re hi-ia-ri-im*] – uma celebração da realeza com duração de cinco dias. Para isso, Asqudum viajou para Alepo levando um *ālum*,³⁷ talvez um instrumento musical, como objeto votivo de Zimri-lim ao deus Haddu de Alepo [*hddh lb*]. Dimensionando o tamanho do objeto votivo, oito homens conseguiriam apenas movê-lo,

37 O objeto votivo *ālum* tem diversos significados. Em grande parte, aparece prefixado GIŠ; este determinativo precede nomes de árvores e objetos de madeira.

mas não o carregar a média distância: ele tinha cerca de 240 quilos ou 8 talentos de bronze com proteção de couro (Dossin, 1938, p. 109; Durand, 1988, p. 119):

Zimri-lim testemunhou a veneração que tinha pelo deus de Alepo, dedicando sua estátua a ele, como evidenciado pelo nome de um de seus anos de reinado: *MU Zi-im-ri-li-im | şalam-šu a-na* ^{il}*Adad | Ħa-la ab*^{ki} *| ú-še-lu-[ú]*, “O ano em que Zimri-lim dedicou sua estátua ao deus Adad de Alepo”³⁸ (Dossin, 1938, p. 115).

Foram enviados de Mari para Alepo muitos bens votivos, animais e objetos de luxo para a veneração a Haddu. Ao chegar a Alepo e após cumprir o segundo trato mais importante, Asqudum escreveu para Zimri-lim informando que havia participado do festival religioso. Na carta, seguiram reclamações contra governantes de cidades do itinerário da viagem por não ajudarem no transporte, o cansaço da comitiva, a necessidade de abastecimento e a solicitação de cinquenta ovelhas. É importante sublinhar que no contexto se desenrolam intelectivamente os desacordos entre culturas, mas a correspondência mencionada tinha por motivo informar sobre a adesão ao deus tutelar Haddu. O enunciado inicial é significativo:

38 Trad. livre do autor: “Zimrilim a-t-il témoigné de la vénération qu’il portait au dieu d’Alep en lui dédiant sa statue, comme en témoigne le nom d’une de ses années de règne : *MU Zi-im-ri-li-im | şalam-šu a-na* ^{il}*Adad | Ħa-la ab*^{ki} *| ú-še-lu-[ú]*, ‘L’année où Zimrilim a dédié sa statue au dieu Adad de Alep.’”

[a-na] be-lí-[ia] 2 [q]í-bí-m[a] <i>um-ma às-qú-du-u[m]</i> 4 ír-ka-a-ma <i>ha-ra-ni ka-lu-ša ša-al-ma-at ír-meš</i> <i>be-[lí-ia]</i> 6 <i>ša er-de-em ša-al-mu a-na li-ib-bi ha-</i> <i>-[la-ab^{kl}] [i-te]-er-bu</i> <i>anše ^dIM-ma ù siskur²-re it-ta-qú-ú ù</i> <i>aš-šum š[a-bi-im].</i>	1 Diga ao meu Senhor: assim [diz] Asqudum, seu servo. 5 Minha caravana inteira está segura. Os servos de meu Senhor 6 que eu liderava estão seguros. Eles acabaram de entrar em Alepo. 7 Era o asno de Haddu³⁹ e fizemos os sacrifícios.⁴⁰
---	---

Não raro, os diplomatas de Mari se conflitavam mutuamente. Em carta datada do ano 3 do reinado (c. 1773, ZL 1'), Yasim-Sumu [*yasīm-sūmū*] aparece como agente de conflito interno com o administrador palacial Sammētar, da província de Ashnakkum [*ašnakkum*], porque desejava imiscuir-se das questões administrativas enquanto o rei estava ausente da cidade e as decisões ficavam sob a responsabilidade de Asqudum:

os dois personagens muito importantes que são Sammētar, o *šāpīṭum* [juiz ou governador distrital, ou ainda “chefe do palácio”] e Yasīm-Sūmū, o mordomo, entraram em conflito aberto. Asqudum ficou do lado de Yasīm-Sūmū, contra alguém que pertencia a uma das principais famílias de Terqa⁴¹ (Durand, 1988, p. 75).

Ao partidarizar o conflito,⁴² Asqudum posicionou-se contra quem combatia os Yaminita. Com isso, ficaram destacados os partidos políticos de agentes do palácio de Mari.

39 As representações iconográficas trazem Haddu sobre um touro, o assim denominado *būru*; aqui, é mencionado um asno. Em todo caso, pela distinção na carta, o animal destina-se ao culto sacrificial, talvez o *hi'arum*.

40 Trad. livre do autor, a partir de Durand (1988, p. 131).

41 Trad. livre do autor: “les deux très hauts personnages que sont Sammētar, le *šāpīṭum*, et Yasīm-Sūmū, le Majordome, sont entrés en conflit ouvert. Asqudum a pris le parti de Yasīm-Sūmū, contre quelqu'un qui appartient à l'une des principales familles de Terqa”.

42 As fontes apresentam muitas ocasiões de conflitos entre membros do grupo palaciano, particularmente quanto a tomadas de decisão relacionadas com a política externa. Ver Sasson

Apoio político-militar externo

Aqui, retomo a questão da sustentação do projeto expansionista de Mari posto em prática enquanto tinha em suas bordas, à direita e à esquerda do rio Eufrates, tribos contra o Estado. No momento em que demonstrava como estratégia política a obtenção de apoio dos reis de Yamhad, Zimri-lim esforçou-se para saber da necessidade de conter as incursões das guarnições de Eshnunna. Nesse sentido, Asqudum interpretou o plano corretamente. Entre os anos 3 e 5 (ZL 1'-3') de seu reinado, o rei presidiu pelo menos duas cerimônias de entronização de vários príncipes, “membros de uma família real”, por ocasião do festival anual dedicado à deusa Ishtar [*ištar*, equivalente à deusa *inana* de Sumer].⁴³

Pode-se atestar a transmissão de legitimidade por parte de Ishtar, consorte do deus Tammuz, na pintura mural de têmpera sobre argila do palácio amorrita de Mari (século XVIII): a encenação principal ocorre no painel central superior – a cela do templo –, onde a deusa tem por pedestal um leão e oficializa a investidura real de Zimri-lim, entregando-lhe os símbolos do poder – o círculo e o bastão.⁴⁴ Com atos administrativos de lealdade realizados diante da deusa, desejava-se pragmaticamente transmitir aviso de poder a Eshnunna, tendo em vista o aumento do número de suas cidades satélites e seu avanço para a Alta Mesopotâmia. De fato, as atividades características em Mari projetam um contexto em que as famílias das bordas e os grupos de apátridas passaram a ser bem-vindos no reino.

A noção de valor da lealdade mantinha uma diretriz que beneficiava os refugiados. O trato de não extradição tem origem na tradição oral, uma lei mental, e o cruzamento de etnias fazia parte da constituição tanto do antigo reino de Hana, agora integrado a Mari, quanto do

(2014, p. 678-681).

43 Ver Lacambre (2002, p. 3-4).

44 Musée du Louvre, Paris. Département des Antiquités orientales, AO 19826, salle 227. Reproduções disponíveis em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010144553>. Acesso em: 24 abr. 2023.

reino de Yamhad. Após um conflito regional, Zimri-lim escreveu uma carta a Yarim-lim na qual propôs um trato para a solução do problema. A proposição indica que a lei vigente sobre a extradição deveria ser reformada. Ocorre, por evidência, que a cidade-Estado de Hazor participava do amplo sistema comercial que estava sendo prejudicado pelo conflito. A Yarim-lim resta, assim, a intervenção. Eis os enunciados:

5] Você escreveu o seguinte sobre um ferreiro: “Este homem tirou de Hazor prata, ouro e uma pedra fina [preciosa] e se dirigiu até você. O povo de Hazor está segurando os jumentos e o pessoal que está em uma missão comercial, dizendo, ‘O ferreiro pegou prata, ouro e uma pedra fina [preciosa] e foi em direção a Zimri-lim’”. Isso é o que você me escreveu.

15] Este homem não trouxe absolutamente nada para mim, seja prata, ouro ou uma pedra fina [preciosa]. Este homem foi apreendido e humilhado em Emar. Libertaram-no de tudo o que foi transportado e até tiraram-lhe o documento (comprovativo) de que este homem pagou pelo que comprou. [Ou: “até tirou dele o selo que este homem havia comprado” (Durand); *kunukkam ša ana kaspim awilum šū išālimu itbalūšu*.] Na verdade, foi para salvar sua vida que este homem correu em minha direção.⁴⁵

26] Meu pai me escreveu sobre este homem, sobre o retorno de um homem que, como um pássaro trêmulo à frente de um falcão, veio até mim. Este é um homem que devo libertar? Se eu libertar este homem, depois disso qualquer um que ouvir, ele buscará abrigo como se estivesse intercedendo por uma divindade?

35] Se isso agrada a meu pai, meu pai não deve requerer este homem. A posse deste homem, tudo o que ele tirou de

45 Aqui, como se pode verificar na citação original, houve um problema gráfico na colocação de colchetes, porque certamente o autor pretendia registrar a autoria da translação do enunciado acádio que acabara de acrescentar como alternativa à sua citação. Parece-me que consegui solucionar o problema.

Hazor, agora está mantida em Emar. Meu pai deve escrever para Emar, para que a propriedade do homem seja colocada à [disposição?] de meu pai.⁴⁶

Um problema diplomático entre Estados estava sendo solucionado à maneira tribal, o que lançava um pressuposto de acordo de paz. O acontecimento envolveu as cidades-Estado de Emar e Hazor. Eis a questão: o ferreiro acusado de assaltar um carregamento de objetos de luxo fugiu para Mari, e a solução do conflito coube ao grande rei regional Yarim-lim.⁴⁷ Ele exigiu a extradição do ferreiro. Zimri-lim inverteu respeitosamente a acusação quando afirmou que o ferreiro foi, na verdade, vítima e tentou preservar a vida desse refugiado. Dessa forma, o rei *mariyanum* teve a intenção de evitar que Mari fosse visto como um reino sem autoridade para decidir sobre questões legais envolvendo

46 Trad. livre do autor: “5] You have written the following about a smith ‘This man has taken from Hazor silver, gold, and a fine (precious) stone and has headed toward you. The people of Hazor are holding back the donkeys and personnel that are on a trade mission, saying, ‘The smith has taken silver, gold, and a fine (precious) stone and has gone toward Zimri-Lim.’ This is what you wrote me. 15] This man has not brought anything at all toward me, be it silver, gold, or a fine (precious) stone. This man was seized and humiliated in Emar. They relieved him of all that was transported and even took away from him the document (proving) that this man paid for what he purchased. [Or: ‘even took away from him the seal that this man had bought’ [(Durand); *kunukkam ša ana kaspim awilum šū išāmu itbalūšu*.] In fact, it was to save his life that this man ran toward me.

26] My father has written me about this man, about returning a man who, like a trembling bird ahead of a falcon, had come to me. Is this a man I should release? If I release this man, afterwards anyone who hears will he seek shelter as if with an interceding deity? 35] If it pleases my father, my father should not request this man. This man’s possession, whatever he took away from Hazor, is now kept in Emar. My father should write to Emar for the man’s belonging to be taken to the [disposal?] of my father”. Documentação registrada por Sasson (2007, p. 465).

47 Eis a intervenção de Yarim-lim, segundo Sasson (2014, p. 682): “Yarim-lim deu um ultimato aos anciãos de Emar: ‘Os reis yaminitas não deveriam ficar em Emar. Expulse-os (*šūsēšunūti*)! A partir de agora, eles não devem permanecer aqui. Se esses homens tentarem entrar novamente em Emar, Zimri-lim e eu guerrearemos contra você’”. Para Sasson, a ameaça não tem efeito concreto porque “Yarim-lim sabia que os fugitivos não estavam mais lá”. Trad. livre do autor: “Yarim-Lim issued an ultimatum to Emar’s elders: ‘The Yaminite kings ought not to stay in Emar. Expel them (*šūsēšunūti*)! From now on, they must not remain here. Should these men try again to enter Emar, Zimri-Lim and I will war against you’; “Yarim-Lim knew that the fugitives were no longer there”.

pessoas em seu território, por isso tentava estabelecer um princípio administrativo na diplomacia com o reino de Yamhad.⁴⁸ Os respeitosos pedidos de extradição de prisioneiros revelam-se sobretudo como pedidos de apoio militar, em nome do deus Haddu, como solução possível para conter as invasões dos Yaminita e de outras grandezas rivais.⁴⁹ A carta enviada por Yarim-lim mostra quem lidera a região: “Tem Zimri-lim se esquecido do comando de Addu? Na verdade, temo que Zimri-lim não saiba que na Terra de Addu um refugiado não pode ser extraditado!”.⁵⁰ Uma resposta que parece teologicamente retórica, deixando escassa propensão indiciária acerca de uma decisão posterior, mas com forte base jurídica.

Nos limites da documentação preservada, a aliança entre os reinos de Yamhad e Mari demonstrou ser estrategicamente uma evolução na história política do antigo Oriente Próximo. Yarim-lim estendeu sua influência até o Eufrates e, como as cidades lideradas por Alepo restringiram a circulação de nômades Yaminita, Zimri-lim passou a estacionar

48 Sobre a impossibilidade de determinar a data e o envio da carta, afirma Jack M. Sasson (2007, p. 467-468): “Mas se esta carta permaneceu em Mari, Zimri-lim teve medo e decidiu enviar o ferreiro de volta em vez da carta? Ou lhe ocorreu que o assunto não valia a pena o incômodo de uma comoção diplomática e, portanto, nunca deu uma resposta a Yarim-lim?”. Trad. livre do autor: “But if this letter remained in Mari, did Zimri-Lim have cold feet and decide to send the smith back instead of the letter? Or did it occur to him that the matter was not worth the bother of a diplomatic fuss and so never gave Yarim-Lim an answer?”. Há outro conflito envolvendo fugitivos, desta vez em Alepo, e é Zimri-lim quem envia uma carta por meio do diplomata Darsiš-libur com conselhos sobre um problema que envolve a cidade-Estado de Karkamish. O rei de Mari pede que Yarim-lim não conceda asilo aos fugitivos porque “Ihe causarão tristeza”. Na resposta, tem-se a impressão de que Zimri-lim obedeceu a Yarim-lim, mas agora Yarim-lim afirma ser difícil agir da mesma forma – “no território de Haddu fugitivos não podem ser entregues sob custódia” –, designa Alepo como “território de Haddu” e diz que a decisão acerca do problema não cabe a Zimri-lim. Por outro lado, o possível conflito entre os reinos consiste no fato de os fugitivos serem inimigos de Zimri-lim e Yarim-lim ter afirmado que eles não se encontravam em entidades políticas associadas a Alepo. Trad. livre do autor: “Zimri-Lim must have clearly forgotten the lesson [...] of Addu, to the point that Zimri-Lim might not realize that in Addu’s territory fugitives (*munabtu*) are not to be handed into custody”. Ver Sasson (2007, p. 469-471).

49 Documentação citada por Sasson (2007, p. 470-473) e Charpin (2019, p. 65-66).

50 Documentação citada por Stökl (2014, p. 56) e Sasson (2007); contexto jurídico regional abordado por Charpin (2019, p. 158-160). Citação original registrada na nota 48.

guarnições nas cidades vizinhas a Eshnunna e Babilônia. Lá estavam os elamitas, mas então o rei *mariyanum* apoiou Hammu-rabi, a fim de manter a paz nos seus limites geográficos.⁵¹

CONCLUSÃO

O grande projeto político entre os dois mais importantes reinos do Levante foi abruptamente interrompido cerca de oito anos depois do seu início com a morte de Yarim-lim, muito sentida por Zimri-lim. Na interpretação de Jack M. Sasson (1984, p. 251):

Um relato conciso nos diz que Zimri-lim ordenou o envio de presentes para o túmulo de Yarim-lim no décimo quinto dia do oitavo mês [1765], duas semanas depois de entreter os oficiais babilônicos. O novo rei de Halab (infelizmente para nós também chamado de Hammu-rabi) sucedeu a seu pai e deu início a uma regra que parece, se não abertamente hostil a Zimri-lim, certamente mais calorosa com seu homônimo na Babilônia. Sabemos agora que, menos de uma década depois, essa relação direta entre os dois Hammu-rabis levou à agressão de Babilônia contra Mari.⁵²

Sasson (1984) enuncia uma aporia. Contra a sua interpretação, entendendo que as regras praticadas inicialmente por Hammu-rabi I de Alepo preservaram as antigas alianças. Quanto à homenagem ou distinção, a

51 Mais tarde, entre 1762 e 1761, o apoio foi fortemente desconsiderado: Hammu-rabi enviou suas guarnições para a Alta Mesopotâmia, no caminho conquistou a cidade de Mari e assassinou Zimri-lim.

52 Trad. livre do autor: “A terse account tells us that Zimri-Lim ordered the dispatch of gifts for Yarim-Lim’s tomb on the fifteenth day of the eighth month, within two weeks of entertaining the Babylonian officers. The new king of Khalab (unfortunately for us also named Hammu-rabi) succeeded his father and began a rule that seems, if not overtly hostile to Zimri-Lim, certainly warmer to his namesake in Babylon. We now know that less than a decade later this direct relationship between the two Hammurabis led to Babylon’s aggression against Mari”.

prática era comum e tinha por intenção manter uma aliança ou proceder a um tratado circunstancial. Charpin (2019, p. 208) apresenta um texto⁵³ encontrado em Mari no qual consta que o rei de Terqa teria enviado “um objeto precioso por ocasião da morte do rei de Aleppo Yarim-lim”, literalmente “1 arma-*katappum* de prata”. A homenagem de Zimri-lim por ocasião da morte de Yarim-lim foi “1 disco solar de ouro fino, pesando 48 siclos”.⁵⁴

Em que pese dedicar-se por quase uma década a ações que visavam a uma espécie de subalternização síria que alcançasse a costa do Levante e a Alta Mesopotâmia – região de onde “recebeu numerosas mensagens” e “onde comandou seus vassalos ou governadores”⁵⁵ com suas cidades (Dossin, 1938, p. 115) –, Zimri-lim não alcançou o seu objetivo ao aliar-se com o reino de Yamhad, apesar de conquistar o acesso para a costa levantina. Isso podemos apor com base na pesquisa das fontes e suas entrelinhas contextuais na perspectiva alepiana. Assinto com Sarah C. Melville (2007, p. 240): “casando-se com Shibtu, a filha do governante do poderoso Estado de Yamhad, Zimri-lim adquiriu apoio militar suficiente para recuperar o trono de Mari e implementar seu esforço ao longo da vida, mas, em última análise, sem sucesso para estender seus territórios”.⁵⁶

Após a morte de Yarim-lim, os ideais dos Estados territoriais sobrepuseram as antigas fronteiras físicas e tradições culturais amorritas, deixando fortemente indicada a invalidade do terceiro tratado que visava à construção da dinastia: tornaram-se desnecessários os apoios militar e da política comercial de Yamhad para Mari. Ainda que Mari tivesse às suas portas a potência da Baixa Mesopotâmia, Zimri-lim

53 Documentação citada por Charpin (2019, p. 208).

54 Trad. livre do autor: “1 disque solaire d’or fin, pesant 48 sicles”. Documentação citada por Charpin (2019, p. 209).

55 Trad. livre do autor: “[...] reçoit de nombreux messages de la Mésopotamie du Nord, où il commande à ses vassaux ou à ses gouverneurs”.

56 Trad. livre do autor: “By marrying Shibtu, the daughter of the ruler of the powerful state of Yamhad, Zimrilim acquired sufficient military backing to reclaim the throne of Mari and implement his lifelong but ultimately unsuccessful effort to extend his territories”.

aceitou pactuar com Hammu-rabi contra o reino de Elam. Pode ter havido uma grande confiança entre as partes na declaração de Hammu-rabi: “Desde sempre, a cidade de Mari e Babilônia [são] apenas uma Casa e apenas um dedo!”⁵⁷ Por outro lado, aproveitando o momento crucial, Elam tentou obter o apoio do novo rei de Alepo, mas o recém-coroadado Hammu-rabi I preferiu “retomar as alianças de seu pai”⁵⁸ (Charpin, 2019, p. 87), em uma decisão honrosa.

Por fim, um epitáfio ao grande rei: despertos, todos os reis e rainhas amorritas podiam proteger-se no *abiya* Yarim-lim de Yamhad – *qarran šubāt* –, aquele que viveu sob o comando do deus Haddu [*tēm Addu*]!

57 Trad. livre do autor: “Depuis toujours, la ville de Mari et Babylone (ne font) qu’une Maison et qu’un doigt !”. Documentação citada por Charpin (2019, p. 234).

58 Trad. livre do autor: “Hammu-rabi d’Alepe reprit les alliances de son père”.

Apêndice 1: Cronologia de eventos⁵⁹

Acontecimentos políticos e militares	Desenvolvimentos culturais e tecnológicos
c. 2070: Shulgi cria a organização estatal de Ur III; unificação de Babilônia 2003: os elamitas capturam Ur e a seu rei Ibbi-Sin [c. 2027-2003] 2003-1792: Período de Isin-Larsa em Babilônia 2000-1775: Período Assírio Antigo no norte da Mesopotâmia [c. 1974-1795: Período Amorrita] 1898: início de uma guerra campal entre as cidades-Estado de Babilônia c. 1850: Eshnunna estabelece sua hegemonia sobre a região do Diyala, Mari sobre o vale do Médio Eufrates 1793: Rim-Sin de Larsa [rei divinizado, c. 1822-1763] unifica o sul de Babilônia c. 1792: Shamsi-Adad [c. 1796-1775] cria o reino da Alta Mesopotâmia 1792-1595: período protobabilônico em Babilônia [ou c. 2000-1600] [o <i>sharrum</i> Yarim-lim herda o trono de Alepo, c. 1780-1765] c. 1775: Zimri-lim se torna rei de Mari [casamento entre Shibtu e Zimri-lim, c. 1773] 1766-1761: Hammu-rabi de Babilônia elimina seus rivais 1712: o sul de Babilônia entra em uma Era Obscura Inícios ou meados do século XVII: Hattushili I [c. 1650-1620] cria o Reino Antigo hitita 1595: o rei hitita Murshili I [c. 1620-1590] saqueia Babilônia Século XVI: Idade Obscura em todo o antigo Oriente Próximo; criação do Estado cassita em Babilônia	Século XXI: criação da literatura de celebração do rei em sumério Séculos XIX-XVIII: os estudantes do sul de Babilônia copiam tabletes literários sumérios 1755: Hammu-rabi promulga seu código legal Séculos XVIII-XVII: desenvolvimento da literatura em língua acádia Século XVI: introdução do cavalo e do carro de guerra no antigo Oriente Próximo

59 Conforme cronologia apresentada por Mieroop (2020, p. 451-452), com informações complementares do autor. Trad. livre do autor. Sobre o período amorita, ver Burke (2023, p. 261-262).

Apêndice 2: Cronologia de períodos dinásticos⁶⁰

Ano	Eshnunna	Babilônia	Assíria	Mari	Yamhad
2000	Nur-Ahum Kirikiri Bilalama, c. 1980 Usur-Awassu		Kikkia Akia Puzur-Ashur I Shalim-ahat [Shalim-ahum]	últimos shakkanakku	
1950	Abi-madar Azuzum, c. 1925 Ur-Ninkimara Ur-Ningizzida		Ilushuma, c. 1950 Erishum I, 1940-1910		
1900	Ipiq-Adad I, c. 1895 ShiqIanum Abdi-Erah Sharriya Abi-madar Belakum	Sumu-Abum, 1894-1881 Sumu-la'El, 1880-1845	 Ikunum Sargon I		
1850	Warassa Rubum, c. 1480 Ibal-pi'El I Ipiq Abad II, 1835-1795 Naram-Sin, 1794-1785	Sabium, 1844-1831 Apil-Sin, 1830-1813 Sin-muballit, 1812-1793	Puzur-Ashur II Naram-Sin Erishum II Shamshi-Adad I, 1812-1780 [1807-1775]	Yaggid-lim, c. 1820 Yahdun-lim, 1815-1790 [Sumu-Yaman]	
1800	[Naram-Sin] Dadush, 1794-1785 Ibal-pi'El II, 1784-1770 Dannum-tahaz Silli-Sin 1761: anexada por Babilônia [1766]	 Hammu-rabi, 1792-1750	 Ishme-Dagan, 1780-1740 [1774- ?]	Yashmah-Addu, 1798-1780 [c. 1795-1776] Zimri-lim, 1780-1758 [1775-1762] 1758: anexada por Babilônia [c. 1761]	Sumu-epuh [c. ? -1780] Yarim-lim I, c. 1790-1770 [c. 1780-1765] Hammu-rabi I, c. 1770-1750 [c. 1765-1760] ? [Abba'El] [Yarim-lim II]

60 Adaptado da cronologia apresentada por Liverani (2016, p. 278-279). Mesmo que a transliteração de nomes antigo-orientais e a datação pré-clássica continuem disputadas – dizem respeito às fontes estudadas e método de cada pesquisadora ou pesquisador –, realizei algumas modificações na onomástica, suprimindo sempre que possível o “kh” anglófono. Mantenho a datação de Liverani, mas coloco entre colchetes a datação apresentada por Mieroop (2020, p. 418) por considerar maior confluência com os acontecimentos aqui historizados. Por fazerem parte de pesquisa recente, menciono o “elenco de personagens” e a “linha do tempo” de indivíduos e acontecimentos elaborados por Amanda H. Podany (2022, p. 543-553).

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

REFERÊNCIAS

- BARREYRA FRACAROLI, Diego A. The Chronology of Zimri-Lim's Reign: A Report. *Aula Orientalis*, v. 29, n. 2, p. 185-198, 2011.
- BUCCELLATI, Giorgio. The Origin of the Tribe and the "Industrial" Agropastoralism in Syro-Mesopotamia. In: BARNARD, Hans; WENDRICH, Willeke (ed.). *The Archaeology of Mobility: Old World and New World Nomadism*. Los Angeles: Cotsen Institute of Archaeology Press, 2008. p. 141-159.
- BURKE, Aaron A. *The Amorites and the Bronze Age Near East: The Making of a Regional Identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.
- CASANOVA, Michèle. Les bijoux. In: BORDREUIL, Pierre; BRIQUEL-CHATONNET, Françoise; MICHEL, Cécile (dir.). *Les Débuts de l'Histoire: Civilisations et cultures du Proche-Orient Ancien*. Nouvelle édition revue et augmentée. Paris: Khéops, 2014. p. 415-419.
- CHARPIN, Dominique. "Tu es de mon sang": Les alliances dans le Proche-Orient ancien. Paris: Collège de France; Les Belles Lettres, 2019.
- DOSSIN, Georges. Les archives épistolaires du palais de Mari. *Syria: Revue d'art oriental et d'archéologie*, v. 19, n. 2, p. 105-126, 1938.
- DURAND, Jean-Marie. *Archives épistolaires de Mari I/1*. ARM XXVI. Paris: Recherche sur les Civilisations, 1988.
- DURAND, Jean-Marie. *Les documents épistolaires du palais de Mari*. T. I. Paris: Cerf, 1997.
- DURAND, Jean-Marie. *Les documents épistolaires du palais de Mari*. T. III. Paris: Cerf, 2000.
- FLEMING, Daniel E. Kingship of City and Tribe Conjoined: Zimri-Lim at Mari. In: SZUCHMAN, Jeffrey (ed.). *Nomads, Tribes, and the State in the Ancient Near East: Cross-Disciplinary Perspectives*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. p. 227-240.

- FRAYNE, Douglas R. *Old Babylonian Period (2003-1595 BC): The Royal Inscriptions of Mesopotamia Early Periods. V. 4.* Toronto: University of Toronto Press, 1990.
- FRAYNE, Douglas R.; STUCKEY, Johanna H. *A Handbook of Gods and Goddesses of the Ancient Near East: Three Thousand Deities of Anatolia, Syria, Israel, Sumer, Babylonia, Assyria, and Elam.* University Park: Eisenbrauns, 2021.
- GATES, Charles. *Ancient Cities: The Archaeology of Urban Life in the Ancient Near East and Egypt, Greece, and Rome.* Londres: Routledge, 2011.
- GRAYSON, A. Kirk. *Assyrian Rulers of the Early First Millennium BC, I (1114-859 BC): The Royal Inscriptions of Mesopotamia Early Periods. V. 2.* Toronto: University of Toronto Press, 2002.
- GREENBERG, Raphael. *The Archaeology of the Bronze Age Levant: From Urban Origins to the Demise of City-States, 3700-1000 BCE.* Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- LACAMBRE, Denis. Études sur le règne de Zimrî-Lîm de Mari. *Revue d'Assyriologie et d'Archéologie Orientale*, v. 95, n. 1, p. 1-21, 2002.
- LAUINGER, Jacob. *Following the Man of Yamhad: Settlement and Territory at Old Babylonian Alalah.* Leiden: Brill, 2015.
- LIVERANI, Mario. Historical Overview. In: SNELL, Daniel C. (ed.). *A Companion to the Ancient Near East.* Malden: Blackwell, 2007. p. 3-19.
- LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente: História, sociedade e economia.* São Paulo: Edusp, 2016.
- MELVILLE, Sarah C. Royal Women and the Exercise of Power in the Ancient Near East. In: SNELL, Daniel C. (ed.). *A Companion to the Ancient Near East.* Malden: Blackwell, 2007. p. 235-244.
- MIEROOP, Marc van de. *Historia del Próximo Oriente Antiguo: ca. 3000-323 A.E.C.* Madrid: Trotta, 2020.
- OPPENHEIM, A. Leo. *Letters from Mesopotamia: Official, Business, and Private Letters on Clay Tablets from Two Millennia.* Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- PODANY, Amanda H. *Weavers, Scribes, and Kings: A New History of the Ancient Near East.* Oxford: Oxford University Press, 2022.

- PORTER, Anne. Beyond Dimorphism: Ideologies and Materialities of Kinship as Time-Space Distanciation. In: SZUCHMAN, Jeffrey (ed.). *Nomads, Tribes, and the State in the Ancient Near East: Cross-Disciplinary Perspectives*. Chicago: University of Chicago Press, 2009. p. 201-225.
- PORTER, Anne. *Mobile Pastoralism and the Formation of Near Eastern Civilizations: Weaving together Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- RECULEAU, Hervé. Claiming Land and People: Conceptions of Power in Syria and Upper Mesopotamia during the 2nd Millennium BCE. In: SCHMIDT-HOFNER, Sebastian; AMBOS, Claus; EICH, Peter (ed.). *Raum-Ordnung: Raum und soziopolitische Ordnungen im Altertum*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2016. p. 175-213.
- SANTOS, João Batista Ribeiro. *A difusão iconográfica da religião: Historiografia de políticas de guerra e representações visuais na Antiguidade Oriental*. São Paulo: Alameda, 2024.
- SASSON, Jack M. Zimri-Lim Takes the Grand Tour. *Biblical Archaeologist*, v. 47, n. 4, p. 246-251, 1984.
- SASSON, Jack M. “Year: Zimri-Lim Dedicated his statue to Addu of Halab”: Locating one Year in Zimri-Lim’s Reign. *Mari: Annales de Recherches Interdisciplinaires*, v. 5, p. 577-589, 1987.
- SASSON, Jack M. The King and I: A Mari King in Changing Perceptions. *Journal of the American Oriental Society*, v. 118, n. 4, p. 453-470, Oct./Dec. 1998.
- SASSON, Jack M. Scruples: Extradition in the Mari archives. *Wiener Zeitschrift für die Kunde des Morgenlandes*, v. 97, p. 453-473, 2007.
- SASSON, Jack M. Texts, Trade, and Travelers. In: ARUZ, Joan; BENZEL, Kim; EVANS, Jean (ed.). *Beyond Babylonia: Art, Trade, and Diplomacy in the Second Millennium B.C.* Nova York: Metropolitan Museum of Art; New Haven: Yale University Press, 2008. p. 95-100.
- SASSON, Jack M. *Casus belli* in the Mari archives. In: 52^e RENCONTRE ASSYRIOLOGIQUE INTERNATIONALE. INTERNATIONAL CONGRESS ASSYRIOLOGY AND NEAR EASTERN ARCHAEOLOGY, 2006, Münster. NEUMANN, Hans et al. (org.). *Krieg und Frieden im Alten Vorderasien*. Münster: Ugarit-Verlag, 2014. p. 673-690.

- SILVA CASTILLO, Jorge. Nomadism through the Ages. *In*: SNELL, D. C. (ed.). *A Companion to the Ancient Near East*. Malden: Blackwell, 2007. p. 142-156.
- STÖKL, Jonathan. Divination as Warfare: The Use of Divination across Borders. *In*: LENZI, Alan; STÖKL, Jonathan (ed.). *Divination, Politics, and Ancient Near Eastern Empires*. Atlanta: SBL Press, 2014. p. 49-63.
- SURIANO, Matthew J. Historical Geography of the Ancient Levant. *In*: STEINER, Margreet L.; KILLEBREW, Ann E. (ed.). *The Oxford Handbook of the Archaeology of the Levant: c. 8000-332 BCE*. Oxford: Oxford University Press, 2014. p. 9-23.
- WHITING, Robert M. Amorite Tribes and Nations of Second-Millennium Western Asia. *In*: SASSON, Jack M. (ed.). *Civilizations of the Ancient Near East*. V. II – History and Culture. Nova York: Scribner, 1995. p. 1231-1242.

Recebido: 4 fev. 2023 / Revisto pelo autor: 24 abr. 2023 / Aceito: 26 abr. 2023

Editora responsável: Mariana de Moraes Silveira